

VENCEDORES E PERDEDORES NA SÍRIA

Por M. K. Bhadrakumar*



Imagem gerada por inteligência artificial.

Israel e Turquia são os maiores vencedores, ambos com ligações com grupos da Al Qaeda e bem preparados para projetar poder e estabelecer esferas de influência em território sírio.

Irá e Rússia são os dois grandes perdedores na deposição do presidente sírio Bashar al-Assad no domingo pelos grupos islâmicos sunitas afiliados à Al Qaeda. Assad fugiu na hora certa após dar ordens para que houvesse uma transferência pacífica do poder. A probabilidade é que ele esteja na Rússia. De qualquer forma, uma reversão da tomada de poder islâmica na Síria está fora de questão.

As oligarquias árabes da região do Golfo estão trepidantes sobre o surgimento de uma variante do islamismo político que pode potencialmente representar um desafio existencial. Sem surpresa, elas gravitaram em direção ao Irã, a quem veem como um fator de estabilidade regional, retribuindo o apelo de Teerã aos estados regionais para se unirem para afastar o desafio dos grupos “Takfiri” (codinome para Al Qaeda e Estado Islâmico na narrativa iraniana).

Israel e Turquia são os maiores vencedores, tendo estabelecido ligações com os grupos da Al Qaeda. Ambos estão bem preparados para projetar poder na Síria e esculpir suas respectivas esferas de influência no território sírio. A Turquia exigiu que a Síria pertença somente ao povo sírio – um apelo mal disfarçado para evacuação da presença militar estrangeira (russa, americana e iraniana).

Da mesma forma, o governo Biden pode obter satisfação de que a presença militar russa não permanecerá descontrolada e uma situação insustentável de perda dramática de influência cerca as bases militares de Moscou na província síria ocidental de Latakia.

Não há dúvida de que o governo do pato manco em Washington terá prazer indireto de que a presidência de Donald Trump terá que lidar com instabilidade e incertezas prolongadas na Ásia Ocidental, uma região rica em petróleo que gera petrodólares que são a base do sistema bancário ocidental – dólar americano, em particular – crucial para o eixo “America First” das políticas externas do novo governo.

Com certeza, espreitando sob a superfície do quadro geral, há várias subtramas, algumas das quais pelo menos são de disposição contrária. Primeiro, os apelos renovados que são ouvidos conjuntamente do grupo de Astana (Moscou, Teerã e Ancara) e das capitais regionais para um diálogo intra-sírio que leve a um acordo negociado têm um toque de irrealidade decorrente do medo primitivo sobre a manifestação de uma variante extremista do islamismo político que a região nunca havia experimentado antes em sua história. Certamente, o clima internacional atual praticamente descarta quaisquer perspectivas de “diálogo” em um futuro previsível. Pelo contrário, é provável que toda a região seja convulsionada pelos tremores da Síria.

Os Estados Unidos devem estar satisfeitos com a mudança de regime em Damasco e darão continuidade aos esforços buscando o fechamento das bases russas na Síria. Declararam sua intenção de continuar com a ocupação da Síria, o que é importante se quiserem remodelar a região para atender aos seus interesses geopolíticos.

Segundo, a Turquia tem interesses especiais na Síria em relação ao problema curdo. O enfraquecimento do estado sírio, especialmente o aparato de segurança que chega a Damasco, dá à Turquia, pela primeira vez, liberdade nas províncias da fronteira norte, onde grupos separatistas curdos estão operando. A presença militar e de inteligência turca na Síria se expandirá aos trancos e barrancos.

Basta dizer que a ocupação turca do território sírio pode assumir um caráter permanente e até mesmo uma quase anexação das regiões está dentro dos limites da possibilidade. Não nos enganemos, o Tratado de Lausanne (1923), que a Turquia considera uma humilhação nacional, acabou de expirar e chegou a hora do acerto de contas para recuperar a glória otomana. A atual liderança turca está comprometida com a geoestratégia do neo-otomanismo.

Com toda a probabilidade, portanto, o que está em jogo é a soberania e a integridade territorial da Síria e a desintegração do país como estado. Foi relatado que tanques israelenses cruzaram a fronteira para o sul da Síria. Sem dúvida, Israel pretende tomar muito mais do que território sírio além das Colinas de Golã. O sonho do Grande Israel deu um passo gigante em direção à realização. Em seguida, vem o Líbano, que Israel não pode deixar de aspirar a controlar se quiser ser a potência regional dominante no Levante e um influenciador na política do Mediterrâneo Oriental. De acordo com a mídia israelense, Tel Aviv tem contatos

diretos com os grupos islâmicos que operam no sul da Síria. Não é segredo que esses grupos estavam sendo orientados pelo Exército israelense por mais de uma década.

Assim, na melhor das hipóteses, uma Síria truncada, um estado falido, deve ser esperado com contínua interferência externa em larga escala, e no pior cenário, o revanchismo turco e a agressão israelense juntos – mais a ocupação americana do leste da Síria e uma autoridade central fraca em Damasco – e o país em sua forma atual, fundado em 1946, pode desaparecer completamente do mapa da Ásia Ocidental.

Na verdade, os estados do Golfo e o Egito têm motivos para se preocupar com uma Primavera Árabe 2.0 – oligarquias sendo derrubadas e substituídas por grupos islâmicos militantes locais que refletem a vontade do povo. Seu nível de conforto com Teerã aumentou perceptivelmente. Mas, é claro, os EUA vão combater essa tendência regional que, de outra forma, isolaria Israel na região.

A Rússia tem uma mentalidade notoriamente pragmática e uma declaração do Ministério das Relações Exteriores no domingo sugeriu fortemente que Moscou já está elaborando um plano B para reforçar sua presença militar na Síria no curto prazo, pelo menos. Curiosamente, a declaração destacou que Moscou está em contato com todos os grupos de oposição sírios. A declaração evitou escrupulosamente usar a palavra “terrorista”, que as autoridades russas vinham usando livremente em sua retórica estridente para caracterizar os grupos sírios que tomaram Damasco. Moscou tem motivos para temer a ressonância do islamismo político como uma ideologia sedutora em suas repúblicas muçulmanas inquietas do Cáucaso do Norte.

A embaixada russa em Damasco não corre perigo algum. É inteiramente concebível que a inteligência russa, tradicionalmente muito ativa na Síria – por razões óbvias – já tenha começado a sensibilizar Moscou sobre uma transição de poder em Damasco estar nas cartas e mantido contatos com os grupos islâmicos da oposição, apesar da retórica pública estridente.

Em comparação, o Irã sofre um sério revés do qual é difícil se recuperar em breve, pois a ascensão dos grupos sunitas extremistas que aderem à ideologia da Al Qaeda levará a um novo cálculo de poder na Síria, visceralmente hostil a Teerã. A evacuação de diplomatas seguida pela invasão da embaixada iraniana em Damasco fala por si. De fato, Israel não poupará esforços para garantir que a influência iraniana seja exorcizada na Síria.

O cerne da questão é que a influência regional do Irã diminuiu significativamente à medida em que os grupos de resistência (em grande parte xiitas) ficam sem rumo e desiludidos. Isso não só funciona em benefício de Israel, mas também desencadeia uma mudança profunda no equilíbrio de forças regionais, o que terá ressonância para os conflitos atuais no Grande Oriente Médio como um todo em uma perspectiva de longo prazo – Gaza, Líbano e até mesmo tão longe quanto a Ásia Central e o Sul da Ásia. O ponto principal é que o gênio da Al Qaeda saiu da garrafa, finalmente, e não há como impedir sua agenda pan-islâmica.

A parte surpreendente é que o Irã falhou em antecipar a reviravolta dos eventos. Incrivelmente, na sexta-feira, o conselheiro do líder supremo Ali Larijani realmente visitou Damasco e se encontrou com Assad para reiterar o apoio total de Teerã para deter a onda de forças islâmicas que já estava se aproximando dos portões da cidade.

Publicado no [Indian Punchline](#).

****M. K. Bhadrakumar** foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
